MEDITAÇÃO CRISTÃ

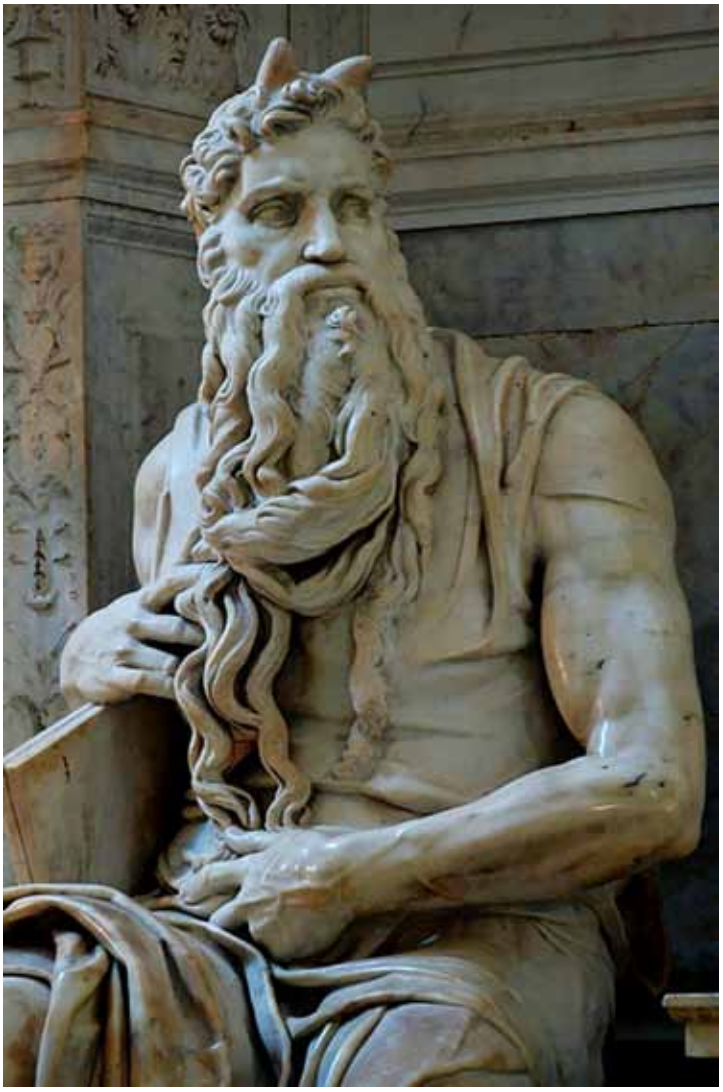
Nº 70 – ANO XX – SETEMBRO/2014

BOLETIM DO RIO DE JANEIRO – Emitido pela Meditação Cristã
Comunidade autônoma integrada à World Community for Christian Meditation

Presença de D. Laurence Freeman no Brasil

Há 20 anos, o monge beneditino Laurence Freeman veio plantar a semente da Meditação Cristã em nosso país e na América Latina, dirigindo retiros anuais. E o trabalho continua. De 14 a 16 de novembro próximo, dirigirá o retiro nacional em São Paulo, sediado na Casa de Retiros da Vila Kotska em Iaici, município de Indaiatuba, próximo de Campinas. O tema desta vez será "O olhar contemplativo do Evangelho". Para inscrições e informações comunicar-se com o coordenador nacional Roldano Giuntoli: roldano@wccm.org.br

No Rio de Janeiro, Dom Laurence dirigirá um seminário no dia 18 de novembro, no Centro de Cultura João XXIII, à rua Bambina, 115 – Botafogo, centrado no tema: "Recuperando a alegria – a arte da oração em um mundo estressado". Inscrições e informações com Ângela Reis, coordenadora do Estado do Rio de Janeiro: ang.reis@ig.com .br



Michelangelo. *Moisés*, 1513-1516. Igreja de San Pietro in Vicoli, Roma.

A Palavra Sagrada

A cada ano, no mês de setembro, a CNBB convida a comunidade católica a dedicar-se com maior empenho ao conhecimento e aplicação na vida diária, da Palavra Inspirada das sagradas escrituras do Antigo e do Novo Testamento. Um caminho capaz de levar a um processo de conversão interior, libertador, saindo de uma prática egocêntrica para uma conduta solidária. A história dessa Palavra registra significativa evolução no sentido de uma consciência progressiva na tradição espiritual do povo hebreu, ultrapassando obstáculos ao longo dos tempos, elevando-se do primado da lei, ao primado do amor nas relações entre pessoas, comunidades e nações, como propõe o Evangelho de Jesus Cristo. A experiência contemplativa da Meditação Cristã funda-se exatamente na recitação silenciosa de uma palavra sagrada – *maranatha* – do aramaico, a língua que Jesus falava.

A Palavra de Iahweh me foi dirigida nos seguintes termos:
Antes de te modelar no ventre materno, eu te conheci; antes de nasceres, eu te consagrei.
Eu te constituí profeta para as nações. Mas eu disse: "Ah Senhor Iahweh!
Eis que eu não sei falar porque sou ainda uma criança! Mas Iahweh me disse: "Não digas
– Eu sou ainda uma criança! Porque a quem eu te enviar, irás, e o que eu te ordenar, falarás.
Não temas diante delas porque eu estou contigo para te salvar".
Oráculo de Iahweh. Então Iahweh estendeu sua mão e tocou-me a boca.
E Iahweh me disse: "Eis que ponho minhas palavras em sua boca". *Jeremias. cap. 1:4 a 9*

EVENTOS

27/9 – Manhã de convivência no Jardim Botânico, a partir das 9 horas.

25/10 – Caminhada contemplativa no Jardim Botânico, no mesmo horário.

18/11 – Seminário presidido por Dom Laurence Freeman, no Centro de Cultura João XXIII, da partir das 8.30 horas.

Grupos de Meditação Cristã e em Formação

Cidade /Bairro	Coordenador(a)	Tel.
Distrito Federal		
Brasília	Genil	(61) 3208-3782
Brasília	Geysa	(61) 3443-6841
Brasília	Glória	(61) 3367-2181
		(61) 9967-3345
Estado da Bahia		
Feira de Santana	Padre Arnaldo	(71) 9617-0684
Salvador	Antônia Lúcia	(71) 3328-0834
Salvador	Mª Cristina	(71) 3451-4506
		(71) 8887-6099
Salvador	Mª Angela	(71) 3321-5957
Salvador	Marilene	(71) 3248-6373
		(71) 8104-4407
Salvador	Burity	(71) 3247-9477
		(71) 9987-8311
Salvador	Mistrô	(71) 3245-2404
		(71) 96016069
Simões Filho	Gisa	(71) 3301-6424
V. da Conquista	Rosa	(77) 3421-1271
		(77) 8725-3179
Xique-Xique	Frei Gilvan	(74) 3661-4745
Estado do Ceará		
Fortaleza	Pe. Domingos	(85) 3281-1085
Fortaleza	Auremília	(85) 3494-4384
Estado de Goiás		
Goiânia	Fernanda	(62) 3241-9939
Itimbiara	Hélio	(64) 3404-5231
		(64) 9992-6009
Itimbiara	Carlos	(64) 3204-2010
		(64) 8121-7174
Estado do Maranhão		
Balsas	Marlene Garcez	(99) 3541-3131
Pastos Bons	Ir. Diva	(99) 3555-0007
São Luiz	Mª Braga	(98) 3243-1048
Estado de Minas Gerais		
Belo Horizonte	Pe. André	(31) 3344-3831
Belo Horizonte	Eliana Sales	(31) 3344-2601
Estado da Paraíba		
João Pessoa	Otávio	(83) 3224-5489
João Pessoa	Pe. Virgílio	(83) 3225-1039
João Pessoa	Pe. Waldemir	(83) 3227-7188
João Pessoa	Sebastião	(83) 3221-2768
Estado do Paraná		
Curitiba – Doris – (41) 3013-3014		
Guarapuava	Germán	(42) 3035-5210

Cidade /Bairro	Coordenador(a)	Tel.
Estado de Pernambuco		
Gravatá	Alice	(81) 3533-0546
Olinda	Glória	(81) 3432-3281
Paulista	Etiene	(81) 3436-1534
Recife	Marília	(81) 3268-2138
Estado do Piauí		
Teresina	Fr. AfonsoTemme	(86) 3211-7577
Estado do Rio de Janeiro		
Capital:		
Barra 1	Jari Furtado	(21) 2439-7920
		(21) 9146-9517
Botafogo 1	Mª Regina	(21) 2542-9204
Botafogo 2	Sônia	(21) 2527-1875
Copacabana1	Jader	(21) 2255-6707
Copacabana 2	Ana Perrota	(21) 2235-1924
Copacabana 3	Ana Fonseca	(21) 2523-5125
Copacabana 4	Hileana	(21) 2236-1431
Ipanema 1	M. da Glória	(21) 2523-2380
Ipanema 2	Edith	(21) 2287-8645
Ipanema 3	Alessandro	(21) 8122-0390
Laranjeiras	Sara	(21) 2265-6509
Leblon 2	Angela Reis	(21) 8881-1847
Leme	Teresa	(21) 2543-6011
Recreio1	Dalva	(21) 9945-7484
Santa Teresa	Martha	(21) 2242-9341
São Conrado	Carlos Eduardo	(21) 3322-2902
Tijuca	Vera	(21) 2268-1288
Outras cidades:		
Niterói (Santuário)	Ana Lúcia	(21) 3604-4559
Niterói (Academia)	Ana Lúcia	(21) 3604-4559
Estado do Rio G. do Norte		
Natal	Pe. Magno Jales	(84) 3313-5116
Estado do Rio Grande do Sul		
Capital:		
Alto Petrópolis	Elena	(51) 9991-6975
Floresta	Marcelo	(51) 9654-5100
Glória	Orphélia	(51) 3219-8471
Lindóia	Roberto	(51) 3084-5740
Outras cidades:		
Bento Gonçalves	Angelita	(54) 3468-0086
Gravataí	Lia	(51) 3488-2116
São Leopoldo	Morgana	(51) 3037-2246

Cidade /Bairro	Coordenador(a)	Tel.
Torres	Adriana	(51) 9733-1382
Estado de Santa Catarina		
Chapecó	Pe. Zanella	(49) 3322-1400
Chapecó	Margarete	(49) 3335-0359
Laguna	João Carlos	(48) 3647-2566
Maravilha	Celestina	(49) 3664-1007
		(49) 9988-9244
Planalto Alegre	Ilda Irene	(49) 3335-0105
Xaxim	Anna Marchetti	(49) 3353-1238
		kikarmarchetti@hortmail.com
Estado de São Paulo		
Capital:		
Alto da Lapa	José Henrique	(11) 9976-4803
Alto do Sumaré	Taynã	(11) 8633-1408
Bela Vista (1)	Sonia Mari	(11) 3288-2767
Bela Vista (2)	Amélia	(11) 5579-0175
Bela Vista (3)	Inês	(11) 3889-7780
Centro (S. Bento)	Ana Alves	(11) 5584-6598
Centro «	Paulo Montoro	(11) 3887-5692
Centro «	D. Alexandre	(11) 3328-8799
Centro «	Maria Wanda	(11) 9879-1891
Centro (LSF)	Joseph	(11) 5521-8301
Cerqueira César	Cristina	(11) 9651-8852
Jardim Marajoara	Roldano	(11) 8194-8840
Santo Amaro	Maria Auxiliadora	(11) 5686-3082
Saúde	Pe. João Maria	(11) 3275-4223
Tatuapé	Márcia	(11) 8214-6422
		(11) 2097-5493
Vila Beatriz	Tayna Bonifácio	(11) 8633-1408
Vila Clementina	Ir. Conceição	marilza_twf@hotmail.com
Vila Maiana	Cynthia	(11) 5078-6816
Outras cidades:		
Araçatuba	Lúcia Lemos	(18) 3608-1504
Jacareí	Carlos	(12) 9763-4741
Mogi das Cruzs	Eduardo	(11) 9975-2256
Paraibuna	Regina Reis	(12) 3974-0230
		(12) 9769-5996
Ribeirão Preto	Zaíra	(16) 3623-4553
Ribeirão Preto	Mário Palumbo	(16) 9994-7222
Santos	Silvana	(13) 3222-3131
S. José dos Campos	Carlos	(12) 3952-8812
Sorocaba	Sandra	(15) 3278-2393
Suzano	Eduardo	(11) 9975-2256
Taubaté	Maria Helena	mh.goffi@uol.com.br
Taubaté	Phil Dwyer	(12) 8180-9999
Santos	Silvana	(13) 3222-3131
Sorocaba	Sandra	(15) 3228-2393
Estado de Sergipe		
Aracaju	Fernando	(79) 3214-8911
Aracaju	Consuelo	(79) 3222-7795
Aracaju	Gema	(79) 3246-2014
Aracaju	Guida	(79) 3211-6588

MEDITAÇÃO CRISTÃ

Nº 70– ANO XX – SETEMBRO/2014

BOLETIM DO RIO DE JANEIRO
Editado pela Comunidade de Meditação Cristã

Fundador: Sérgio de Azevedo Morais

Editor: Jader Britto
jaderbritto@gmail.com

Conselho Editorial: Ana Maria Fonseca, Angela Reis, Evangelina Oliveira, Regina Coeli Fernandes, Sérgio Almeida e Valdelice Almeida.

Endereço: Rua Siqueira Campos 143, bloco A, apto. 1503 – CEP 22031-070 – Rio de Janeiro, RJ.

Projeto gráfico: Cecília Jucá de Hollanda
cjhollanda@gmail.com

Revisão: Ana Maria Perrotta Mourão

Apoio ao Boletim. Considerando que, desde o nº 59 (dezembro), o boletim nacional e o internacional são veiculados apenas em versão digital, pela internet, encarecemos aos meditantes que, a critério de cada um, enviem as contribuições para colaborar em sua produção, depositando-as no Banco Itaú, Ag. 8418, conta corrente: 01038-8, cuja titular é a meditante Ana Fonseca.

Confirme sua doação por e-mail ou pelos telefones: (21) 2255-6707 / 2523-5125 / (fax) 3389-7717.

Para sugestões e colaborações:
rj.meditacaocrista@yahoo.com.br
ou para o endereço anteriormente citado.

SITES

Meditação Cristã (Centro Internacional): www.wccm.org

Meditação Cristã (página brasileira): www.wccm.com.br

Blog da Meditação Cristã do Brasil: http:/wccmbr.blogspot.com

Oração Centrante/Lectio Divina (Brasil): www.oracaocentrante.org

Oração Centrante (Internacional): www.centeringprayer.com

O REINO DE DEUS*

Jesus de Nazaré

- O Reino de Deus é semelhante a um homem que plantou boa semente em seu campo. Mas enquanto os homens dormiam, veio o inimigo, plantou a erva daninha entre o trigo e foi-se embora. Quando o trigo nasceu e começou a crescer, apareceu também o joio. Aproximando-se do dono, os empregados lhe disseram: "Senhor, não plantaste semente boa em teu campo? Donde vem, pois, a erva daninha?" E ele lhes respondeu: "É coisa de meu inimigo". Disseram-lhe os empregados: "Queres que vamos arrancá-la?" Ele lhes respondeu: "Não, para que não suceda que, ao arrancar o joio, arranqueis com ele o trigo, deixai que ambos cresçam até a ceifa. No tempo da colheita, direi aos que cortam o trigo: colhei primeiro a erva daninha e atai-a em feixes para queimá-la; o trigo recolhei-o a meu celeiro".
- O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem toma e semeia em seu campo. É a menor das sementes, mas depois de crescida é a maior das hortaliças, chegando até a tornar-se árvore, em cujos ramos as aves do céu vêm aninhar-se.
- O Reino dos Céus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura com três medidas de farinha, até que tudo esteja fermentado.
- O Reino dos Céus é semelhante a um tesouro escondido no campo. E quem o encontra o encobre e, cheio de alegria, vai vender tudo que possui para comprar o campo.
- O Reino dos Céus é também semelhante a um comerciante à procura de boas pérolas. Achando uma preciosa, vende tudo que tem e a compra.
- O Reino dos Céus é também semelhante a uma rede de arrastão, que é lançada ao mar e recolhe peixes de toda espécie. Depois de cheia, é puxada para a praia. E sentando-se, os pescadores juntam os peixes bons nos cestos, enquanto os peixes ruins são jogados fora.
- Respondendo à pergunta dos discípulos: "Quem é o maior nos Reino dos Céus?", chamou uma criança para perto de si, colocou-a no meio deles e disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como uma criança, de modo algum entrareis no Reino dos Céus. Aquele, portanto, que se tornar pequenino como esta criança, esse é o maior no Reino dos Céus.
- O Reino dos Céus é semelhante a um rei que resolveu acertar contas com seus servos. Ao começar o acerto, trouxeram-lhe um que devia 10.000 talentos. Não tendo este com que pagar, o senhor mandou que o vendessem juntamente com a mulher, os filhos e todos os seus bens, para o pagamento da dívida. O servo, porém, caiu a seus pés e, prostrado, suplicava-lhe: "Dá-me um prazo e lhe pagarei tudo". Diante disso, o senhor, compadecendo-se do servo, soltou-o e perdoou-lhe a dívida. Mas quando saiu dali, esse servo encontrou um de seus companheiros de servidão, que lhe devia cem denários e, agarrando-o pelo pescoço, pôs-se a sufocá-lo e a insistir: "Paga-me o que me deves". O companheiro, caindo a seus pés, rogava-lhe: "Dá-me um prazo e te pagarei". Mas ele não quis ouvi-lo; antes retirou-se e mandou lançá-lo na prisão até que pagasse o que devia. Os companheiros de serviço, vendo o que acontecera, ficaram muito penalizados e, procurando o senhor, contaram-lhe todo o acontecido. Então o senhor mandou chamar aquele servo e lhe disse: "Servo mau, eu te perdoei toda a tua dívida porque me rogaste. Não devias também tu ter compaixão de teu companheiro, assim como eu tive compaixão de ti?" Assim, encolerizado, seu senhor o entregou aos verdugos, até que pagasse toda a sua dívida. Eis como o Pai celeste agirá convosco, se cada um de vós não perdoar de coração a seu irmão.

*Destaques de falas de Jesus, transcritas do Evangelho de São Mateus, cap. 13, vs. 24 a 30, 31 a 32, 33, 44, 45 a 46 e 47 a 48. E cap. 18, vs. 1 a 4 e 23 a 35. *Bíblia Sagrada*, Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

A Paixão pelo Reino de Deus* *José Antonio Pagola***

Ninguém duvida desta informação que nos proporcionam as fontes: Jesus foi andando de povoado em povoado e de aldeia em aldeia, proclamando e anunciando a boa notícia do reino de Deus. Sem temor de equivocar-nos, podemos dizer que a causa a que Jesus dedica daqui em diante seu tempo, suas forças e sua vida inteira é o que ele chama de "reino de Deus". É, sem dúvida, o núcleo central de sua pregação, sua convicção mais profunda, a paixão que anima toda a sua atividade. Tudo aquilo que ele diz e faz está a serviço do reino de Deus. Tudo adquire sua unidade, seu verdadeiro significado e sua força apaixonante a partir dessa realidade. O reino de Deus é a chave para captar o sentido que Jesus dá a sua vida e para entender o projeto que quer ver realizado na Galileia, no povo de Israel e, definitivamente, em todos os povos.

Dizem-no todas as fontes: Jesus não ensina na Galileia uma doutrina religiosa para que seus ouvintes a aprendam bem. Anuncia um acontecimento para que aquelas pessoas o acolham com prazer, com alegria e com fé. Ninguém vê nele um mestre dedicado a explicar as tradições religiosas de Israel. Encontram-se com um profeta apaixonado por uma vida mais digna para todos, que procura com todas as suas forças fazer com que Deus seja acolhido e que seu reino de justiça e misericórdia vá se ampliando com alegria. Seu objetivo não é aperfeiçoar a religião judaica, mas contribuir para que se implante ,o quanto antes, o tão suspirado reino de Deus e, com ele, a vida, a justiça e a paz.

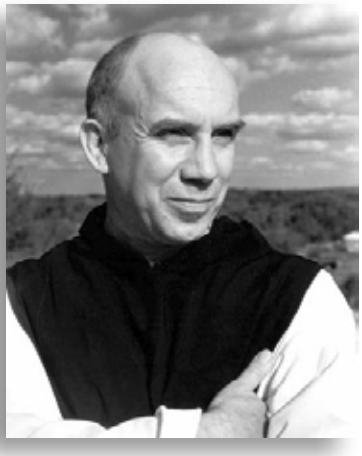
Jesus também não se dedica a expor àqueles camponeses novas normas e leis morais. Anuncia-lhes uma notícia: "Deus já está aqui buscando uma vida mais ditosa para todos. Precisamos mudar nosso olhar e nosso coração". Seu objetivo não é proporcionar àqueles vizinhos um código moral mais perfeito, mas ajudá-los a intuir como é, e como age Deus, e como será o mundo e a vida se todos agirem como ele.

*Transcrição parcial de tópico do capítulo "Profeta do reino de Deus" constante do livro *JESUS – Aproximação histórica,* de José Antonio Pagola, em 4ª edição, pela Vozes/Petrópolis, 2011.

**Cursou Teologia e Ciências Bíblicas pela Universidade Gregoriana e Pontifício Instituto Bíblico de Roma, bem como na Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém. É autor de várias obras de Teologia, Pastoral e Cristologia.

PALAVRAS COMO SINAIS E "SACRAMENTOS"*

*Thomas Merton***



I

Não hesita Santo Agostinho em aplicar às Escrituras o termo analógico de "sacramentos". O uso que faz da expressão *sacramenta scripturarum* não nos deve surpreender quando nos lembramos, por exemplo, da reverência com que a Igreja realça a dignidade do Evangelho na missa solene. É bem conhecido que o respeito da Igreja à Sagrada Escritura se assemelha, até certo ponto, à honra por ela prestada ao Santíssimo Sacramento.

As Escrituras constituem um dos maiores sacramentos da Igreja, pois "a palavra de Deus é viva , eficaz e mais cortante que a espada de dois gumes, e penetra até a divisão da alma e do espírito, até as articulações e à medula, e é capaz de julgar os pensamentos e as intenções do coração" (Hb 4,12).

Todas as palavras divinas reveladas são manifestações parciais da Palavra, que é o esplendor da verdade de Deus. Todas as palavras divinas reveladas são como as espécies sob as quais se oculta a única Palavra que é Caminho, Verdade e Vida. Eis porque Jesus, o Verbo feito carne, podia serenamente dizer: "Esquadrinhais as Escrituras... São elas também que dão testemunho a meu respeito". Falava aos doutores da lei que, com razão, esperavam encontrar nas Escrituras "vida eterna"; enganavam-se, contudo, esperando erradamente que a vida prometida pela Sagrada Escritura, e nela contida, pudesse ser outra coisa que não Jesus. Por causa disso, Nosso Senhor acrescentou: "Não quereis a mim para terdes a vida" (Jo 4, 12). São Paulo mostrou, claramente, como Cristo era o "fim da Lei", isto é, a realização de todo o Antigo Testamento. Ele é a vida contida na palavra revelada e por ela comunicada. "Perto de ti está a palavra em tua boca, em teu coração; esta é a palavra da fé que pregamos. Porque se confessares com sua boca no Senhor Jesus, e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dos mortos serás salvo" (Rm 10, 4,8-9).

De quem poderá ser dito com maior verdade que "perto está a palavra, em tua boca e em teu coração", senão daqueles que recitam ou cantam, diariamente, o Ofício Divino? Com efeito, se essa palavra há de se tornar para eles viva e eficaz, se houver de penetrar até o âmago de sua vida interior e transformá-los em contemplativos, têm eles de descobrir nela o Cristo, Luz do mundo. Ele que é o centro do Antigo e do Novo Testamento é acima de tudo, a própria vida do saltério. Ao recitar os salmos, devemos aprender a reconhecer neles o Messias sofredor e triunfante, confessando-O com nossa boca e crendo em nossos corações que Deus o fez ressurgir dos mortos. Colhemos então os abundantes frutos da Redenção. A vida salvífica que jorra da Cruz de Cristo há de crescer em nossos corações até que, rompendo-nos as veias, far-nos-á exclamar com São Filipe: "Achamos aquele de quem escreveram Moisés, na Lei, e os Profetas, Jesus de Nazaré, filho de Javé" (Jo 1, 45).

II

O místico católico procura, acima de tudo, o espírito e a verdade de Deus. E ele os procura na palavra de Deus. Quando se retira do mundo e se coloca nas fronteiras da eternidade, é que, de certo modo, espera ver Deus ou, ao menos ouvir sua voz.

A Igreja nos exorta a procurar, acima de tudo, a teologia que nos é revelada na Escritura.

A verdadeira função da interpretação escriturística é a de tornar claras as verdades que Deus nos tem revelado sobre si mesmo, sobre sua ação no tempo e na história humana. É isso sobretudo que o contemplativo há de buscar, e que não poderá ser encontrado sem um são respeito pelo sentido literal da Bíblia. Todos os outros sentidos, porém, terão certa importância.

Não tenciono entrar aqui numa discussão técnica sobre os diversos sentidos da Escritura. A própria terminologia seria causa de grande confusão. Basta dizer que há na Escritura Sagrada dois sentidos de importância vital para o contemplativo: o sentido *literal*, que é o que significam as palavras do texto, e o sentido *típico*, que é a significação dos acontecimentos narrados no texto. Todos os outros sentidos da Escritura que têm algum valor teológico podem ser reduzidos a esses dois.

O "sentido espiritual" da Escritura tem sido, de fato, por vezes, estendido a dimensões excessivas. Frequentemente tem-lhe faltado basear-se na desprezada "letra". É óbvio que um mistério extraído daquilo que a letra não diz, não pode ser considerado como revelação divina. Vem, não de Deus, mas da imaginação do exegeta. Muitas vezes, também, a extensão do sentido espiritual tem sido exageradamente estimada. Apenas alguns textos da Bíblia são claramente suscetíveis de interpretação mística.

Os judeus já haviam desenvolvido uma interpretação alegórica do Antigo Testamento, antes que os padres da Igreja começassem a produzir sistematicamente comentários "místicos", na mesma linha que os *Midrashim*[2] judaicos. Filo de Alexandria, contemplativo judeu, preparou o caminho para Orígenes, São Gregório de Nissa e uma longa linhagem de exegetas cristãos. Ao mesmo tempo, os gnósticos estavam interpretando o Antigo Testamento em sentido figurado. A exegese espiritual cristã começou por aparecer, fragmentariamente, em controvérsias contra judeus, gnósticos e outras seitas. Coube aos apologistas do II e III séculos, a tarefa de provar, contra os gnósticos que os dois Testamentos, Antigo e Novo, formavam um todo orgânico. E, contra os judeus, que o Antigo Testamento era incompleto e, na verdade, incompreensível sem o complemento do Novo. Provas disso eram encontradas na realização das profecias messiânicas literais e, confirmadas em outros lugares, misticamente, por "figuras" ou "tipos".

* Transcrição de capítulo do livro *O Pão do Deserto*, de Thomas Merton. Editora Vozes, 2008. Traduzido pelas irmãs da Companhia da Virgem de Petrópolis.

**Monge cistercience, da Abadia de Getsêmani no Kentucky, Estados Unidos. Vários livros dele foram publicados no Brasil. Além do citado acima, a Vozes editou dele *A Montanha de Sete Patamares, Na liberdade da solidão e O Homem novo.* Nessa mesma Abadia, John Main proferiu duas conferências sobre sua experiência de Meditação, publicadas no volume *Meditação Cristã*, edição da Paulus.

[1] Destaques do capítulo "Os diferentes sentidos da Sagrada Escritura".

[2] Interpretação não literal das Escrituras.

UMA REALIDADE PRESENTE*

John Main**

Se pudéssemos ver somente o presente e vivê-lo plenamente , conseguiríamos alcançar a bondade aqui e agora, porque seríamos incapazes de adiar o momento de conversão para alguma data futura indefinida.

Talvez, parte das explicações do fantástico impacto religioso que o judaísmo provocou no mundo resulte do fato de que na língua hebraica não havia tempo futuro. Este sentimento da presença eterna de Deus impregna tanto o Antigo como o Novo Testamento. Disse Deus a Moisés: "Eu sou aquele que é". Disse mais: "Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou até vós" (Ex. 3, 14). Jesus não só pregou o Reino dos Céus como uma realidade que já havia chegado entre os homens, mas ainda disse a respeito de si mesmo: "Antes que Abraão existisse, EU SOU" (Jo 8, 58). Este senso da presença do reino impregna o testemunho que São Paulo dava: "Eis agora o tempo favorável por excelência. Eis agora o dia da salvação" (2Cor. 6,2). Leiamos agora as palavras introdutórias do capítulo 5 da epístola aos Romanos: "Tendo sido, pois, justificados pela fé, estamos em paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem tivemos acesso, pela fé, a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriamos na esperança da glória de Deus" (Rm. 5, 1-2).

A nós foi permitido entrar na esfera da graça de Deus, onde agora permanecemos. Jesus abriu o caminho para nós e, através de sua própria experiência, incorporou-nos em seu presente estado, que é sua gloriosa comunhão com o Pai em sua vida ressuscitada, vida que agora impregna toda a criação. Permanecemos na esfera da graça de Deus porque estamos onde ele está e porque ele está onde nós estamos. Estamos nele e seu espírito está em nós.

Por que será que nós agora parecemos haver retornado a uma posposição de nosso ingresso na esfera da graça de Deus? Será que a retórica de Paulo está acabando por atrapalhá-lo e por levá-lo a se contradizer? Não, o que ele está dizendo é o que Jesus dizia: "O Reino dos Céus está no meio de vós, está em vós". Mas é preciso que você compreenda e realize isso. Você precisa deixar sua consciência expandir-se e sua percepção desenvolver-se. Nós já estamos na esfera da graça de Deus, porque o Espírito foi enviado aos nossos corações. Porque fomos criados à imagem de Deus, somos chamados à autoatenção e à autopercepção. Precisamos ficar bem atentos ao que Jesus alcançou para nós. Precisamos realizar as pessoas que já somos. Este é o objetivo de nossa meditação: levar-nos a uma atenção e percepção plenas diante do que somos, de onde estamos, a fim de pararmos de divagar e vaguear pelos domínios dos eternos adiamentos. Precisamos cair na realidade concreta do momento presente, onde nosso esplendor divino se revela. Precisamos ficar quietos. Precisamos aprender a prestar atenção, com firmeza e conscientemente, à realidade de nosso ser, no aqui e agora. Padre Caussade chamava isso de "o sacramento do momento presente", e é a isso que o mantra nos leva, a uma percepção plena do esplendor divino do eterno presente.

* Transcrição parcial do capítulo do livro *A Palavra que leva ao Silêncio,* publicado pela Editora Paulus em 1987.

**Monge beneditino, falecido em 1985. Fundou em Montreal o Priorado Beneditino, onde resgatou e desenvolveu a experiência de Meditação na tradição cristã. Além desse livro, estão publicados no Brasil *Meditação Cristã* (Paulus) e *O Caminho do não Conhecimento (Vozes).*

Como meditar

Sente-se relaxado, mas atento. Permaneça ereto e imóvel. Feche suavemente os olhos.
Em silêncio, comece a dizer interiormente uma única palavra.
Recomendamos a palavra-oração: "Maranatha".
Recite-a em quatro sílabas de igual duração.
Ouça-a à medida em que a pronuncia, suave, mas continuamente.
Não pense nem imagine nada – nem de ordem espiritual nem de qualquer outra ordem. Se pensamentos e imagens afluírem à mente, serão distrações que ocorrem na hora da meditação; continue tentando apenas repetir a palavra.
Medite toda manhã e toda tarde, de vinte a trinta minutos.

(Texto extraído do livro A Luz que vem de dentro, de Laurence Freeman, Ed. Paulus, 3a.Edição – p.11)

Prece para iniciar a Meditação

"Divino Pai, ajudai-me a discernir
a silenciosa presença de Vosso
Filho em meu coração.
Conduzi-me àquele misterioso
silêncio, onde Vosso amor
é revelado a todos que
O procuram."
Maranatha.

Vinde Senhor Jesus!

John Main

Para finalizar

Que este grupo seja um verdadeiro lar espiritual para os que buscam um caminho, um amigo para os que se sentem sós, um guia para os que estão confusos.

Que os que meditam aqui sejam fortalecidos pelo Espírito Santo para servir aos que chegam e receber cada um como se fosse o próprio Cristo.

Que no silêncio
deste ambiente, todo sofrimento,
a violência e a confusão do mundo
encontrem o poder que consola,
renova e eleva
o espírito humano.

Que este silêncio seja uma
força que abra nossos corações
à visão de Deus e que assim eles se
abram, uns aos outros, no amor e
na paz, na justiça
e na dignidade humana,
saiam dando graças pela maravilha que é a vida humana.
Fazemos esta prece por Jesus
Cristo Nosso Senhor.-

Laurence Freeman

QUEM É DEUS?

Laurence Freeman**

Arte bizantina romana. Museu Galla Placídia, Ravena

Se fizermos a pergunta *Quem é Deus?* seremos como Moisés perguntando a Deus: *Qual é o seu nome?* Parece que a resposta de Deus foi: *Cuide de sua vida...* No entanto, o que Ele disse a Moisés é que poderia se referir a Deus como "Eu sou" (Ex. 3.14).

Jesus ensinou que os mistérios do Reino são revelados aos simples. Ao conversarmos com pessoas sem muita educação escolar, mas que sejam inteligentes e levem uma vida no campo, fora das cidades, percebemos que essas pessoas sabem muito mais quem é Deus do que os acadêmicos, os teólogos , os monges que estão sempre falando a respeito de Deus. Só saberemos quem é Deus se tivermos uma experiência de Deus; e para termos essa experiência precisamos criar o espaço e as condições necessárias. Isso é exatamente o que significa fé.

Fé é a nossa capacidade de ter a experiência de Deus. Os grandes mestres que nos falam de tal experiência são aqueles da tradição mística contemplativa, aqueles que mais experimentam Deus. Muitos grandes teólogos podem articular nossa crença a respeito de Deus, mas crenças não são o mesmo que fé.

Fé é nossa capacidade de transcender, nossa capacidade de compromisso, nossa capacidade de amar. Todas essas são capacidades que também dizem respeito a nossos relacionamentos humanos. Crença, por outro lado, é a forma como tentamos expressar essa experiência. Nossas crenças são realmente muito importantes para a forma como vivemos e nos comunicamos, mas são secundárias quando se trata da experiência. Frequentemente, sendo pessoas religiosas, colocamos a crença em primeiro lugar e depois a fé; adoramos, então, nossas crenças ao invés de adorar Deus.

Na Igreja do Oriente existe a percepção de que teologia e oração estão intimamente relacionadas, mas na Igreja Ocidental elas se separaram dramaticamente. Essa, de fato, a crise religiosa no Ocidente hoje e o motivo pelo qual existe em nossa sociedade tanta fome de experiência; explica também porque muitas pessoas sentem que têm de abandonar a Igreja para viver sua experiência.

Um dos Padres do Deserto disse que toda pessoa que reza é um teólogo, e teólogo é a pessoa que reza. Devemos abordar essas palavras conhecidas com novo sentido e nova sensibilidade. São João diz que todo aquele que ama vive em Deus, porque Deus é Amor. Eis uma resposta muito simples para a nossa pergunta *Quem é Deus?* É por isso que encontramos com frequência pessoas que dizem: *Eu não acredito em Deus* e, no entanto, são pessoas boas, amorosas e sinceras. Elas estão tendo uma experiência de Deus, embora não acreditem n'Êle.

Já que estou falando tanto de experiência, vejamos o que isso significa. Os melhores mestres são, provavelmente, os Padres do Deserto, os primeiros monges cristãos. A tradição do deserto foi um desabrochar notável da espiritualidade cristã nos séculos IIIº e IVº. Assim como hoje as pessoas vão à Asia em busca de seus gurus ou do ensinamento espiritual, naquela época os homens se retiravam para o deserto do Egito. O fundador mítico do movimento monástico cristão foi Santo Antão do Deserto. Sua biografia, escrita por Santo Atanásio, é um grande símbolo da experiência de Deus. Então era um jovem cristão que aos 18 anos se perguntou como poderia viver sua fé de maneira mais profunda. Seus pais haviam morrido, ele tinha uma irmã de quem cuidava e muitas terras e bens. Certo dia, na Igreja, ouviu a passagem do Evangelho na qual Jesus disse ao rapaz rico que se ele quisesse ser perfeito deveria abandonar tudo e segui-lo. A leitura dessa passagem tornou-se uma *palavra* que penetrou profundamente em seu coração. Na tradição do deserto, o discípulo geralmente se dirige a seu abade ou guru e pede: *Pai, dê-me uma palavra. Palavra*, aqui, significa uma poderosa transmissão de compreensão instantânea, discernimento. Antão foi penetrado por essa Palavra. É frequentemente a Palavra de Deus que traz a experiência de Deus.

Há um grupo de meditação cristã numa prisão da Inglaterra que às vezes visito, em que um dos meditantes é um homem que está cumprindo uma pena de 20 anos. Ele não seguia nenhuma religião até que um dia, ao voltar da oficina, passou pela frente da capela da prisão como fazia todos os dias, sem nunca pensar sequer em olhar para ela. Nesse dia, seus olhos perceberam um cartaz colocado do lado de fora da capela; o cartaz continha os dizeres da Escritura: "Tranquilizai-vos e reconhecei: Eu sou Deus" (Salmo 46 (45), 11). Retornou a sua cela e começou a repetir a frase. Foi o início da jornada espiritual para ele, como também o foi para Santo Antão.

* Transcrição parcial do capítulo do livro *Os olhos do coração –a meditação na tradição cristã*, , de Laurence Freeman, publicado pela Editora Palas Athena, São Paulo, 2004.

** Monge beneditino, diretor da Comunidade Mundial para a Meditação Cristã. Além desse, é autor de vários livros já publicados no Brasil como *Jesus, Mestre Interior* (Martins Fontes). *A Prática diária da Meditaçâo Cristã, A Luz que vem de dentro* (ambos pela editora Paulus), bem como *Perder para Encontrar, À primeira vista – a experiência da fé*, pela editora Vozes.

ESTANTE DE MEDITAÇÃO

Regina Coeli Fernandes

Para entender a palavra inspirada

MAZZAROLO, Isidoro.
A Bíblia em suas mãos. 9ª edição.
Rio de Janeiro:
Mazzarolo, 2011, 251 p.

Afirma o autor que este livro é uma obra feita por encomenda, considerando "a necessidade de um instrumento científico e ao mesmo tempo popular de orientação ao estudo da Bíblia". Para tanto, segue a "linha do tempo", ou seja, situa cada evento bíblico paralelamente aos eventos históricos. Contextualiza-os. Utiliza mapas a fim de nortear o leitor quanto à topografia de cada época. Observa-se também que utiliza palavras-chave do grego, traduzindo-as na maioria das vezes e quando não o faz é de supor que sejam tão óbvias que possam ser entendidas no contexto. De modo geral, não escreve essas palavras com os caracteres gregos. Adverte Mazzarolo que se trata de um livro sem maiores pretensões, seria antes "um roteiro, um guia de leitura", uma provocação para quantos pretendam começar a ler e a sentir o gosto da "Palavra Inspirada".

A estrutura do livro compreende uma introdução, a primeira parte relativa ao Antigo Testamento, seguindo-se o Intertestamento e a segunda parte, o Novo Testamento, concluindo com um capítulo sobre "Jesus Nazareno, rei dos judeus", além de anexos e bibliografia. Curioso notar que um prefácio à 1ª edição aparece no final do livro, o que seria comum num pós-facio.

Para ilustrar a linha de reflexão e condução do pensamento do autor, atentamos para sua abordagem sobre o livro dos Salmos (p. 75). Segundo ele, trata-se de uma coletânea de poemas ou cânticos, em que foram incluídos poemas similares à tradição bíblica, escritos por autores de lugares, épocas e circunstâncias diversas. Poemas que refletem preocupações com temas como a liberdade, a justiça, o sofrimento, o louvor. Questões levantadas pelo ser humano ontem e hoje. O Saltério, informa ele, recolheu contribuições da literatura mesopotâmica, assíria, egípcia, helenística e de outras tradições. E assinala a diferença de numeração entre as duas versões bíblicas, a hebraica e a grega, a partir do Salmo 10 até o 148.

Sobre o Intertestamento, conceito, ao que parece, pouco usado na divulgação de textos bíblicos, Mazzarolo, pedagogicamente, situa o leitor na história, definindo-o como o período que se estende da liderança de Alexandre Magno ao começo da era cristã, mostrando os conflitos e trocas sucessivas de domínio político na Palestina, destacando a corrupção em Jerusalém, o domínio romano no ano de 63 a.C., sob a égide de César Augusto, sendo Herodes, o Grande, rei da Judeia.

Na introdução ao Novo Testamento, esclarece o que são os livros canônicos, deuterocanônicos, apócrifos e pseudo-epígrafos, em linguagem precisa, acessível ao grande público. Detém-se em seguida na análise da questão da língua utilizada no Novo Testamento, qual seja o grego da Koiné que era então o grego popular. Observa que o Evangelho de Marcos teria sido o único não escrito em grego, mas em aramaico, a língua que Jesus falava, dando margem a colocações no sentido de que algumas expressões de Jesus, bem peculiares a esse idioma, precisavam de tradução do aramaico para o grego.

No item sobre a formação e tradição dos evangelhos, mostra que nem todos os estudiosos têm os mesmos pontos de vista sobre os mais diversos pontos, o que reflete a diversidade de análises, a nosso ver, naturais quando existe diversidade de fundamentos, apresentando dois esquemas elucidativos.

Trata-se de um livro a ser lido com a Bíblia ao lado, pois, ao final de cada unidade, o autor coloca "Questões para Aprofundamento". Temos aqui um livro didático, em linguagem acessível, sem rebuscamentos, evitando malabarismos teológicos, mas deixando ao leitor a tarefa de consultar tanto a Bíblia quanto, se possível, as fontes bibliográficas que Isidoro Mazzarolo coloca no final do livro.

O título *A Bíblia em suas Mãos* parece inteiramente justificado, com base nos propósitos do autor – ao longo dos anos um estudioso incansável do conhecimento bíblico – ao perceber a urgente necessidade de facilitar às camadas populares maior acesso e intimidade com os escritos bíblicos, tanto quanto um iniciado em Teologia que aí encontrará um caminho ou pistas para se desenvolver em tal seara, com um orientador de estudos. Mas, sobretudo, possibilitar a uns e outros crescimento interior, pessoal, fertilizado pela comunhão da Palavra Inspirada.

Algumas edições da Bíblia em Português:

- ***Bíblia Sagrada.*** Petrópolis: Editora Vozes, 1983.
- ***TEB*** – Tradução Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Editora Loyola, 1996.
- ***Bíblia do Peregrino***. São Paulo: Editora Paulus, 2002.
- ***Bíblia de Jerusalém.*** São Paulo: Editora Paulus, 2002.
- ***Bíblia Sagrada.*** São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- ***Bíblia da Ave Maria***. São Paulo: Editora Ave Maria, 2014.

ESCUTA ECUMÊNICA E INTERRELIGIOSA

Diálogo Interreligioso III*

"A Igreja nada rejeita do que há de verdadeiro e santo em outras religiões"

Declaração Nostra Aetate, Concílio Vaticano II

Tânia Mara Vieira Sampaio – Teóloga e Pastora da Igreja Metodista

JESUS e os encontros do cotidiano a exigir uma atitude de abertura

Em sintonia com a dinâmica plural do Antigo Testamento precisa-se perceber Jesus. Jesus vem numa tradição de confronto com o templo e com essa lógica dos sacerdotes que controlam a vida do povo. Jesus enfrenta esse jeito de fazer a mediação de Deus e seu povo. Ele rompe com o sacrifício e com o templo. Jesus cura e perdoa pecados nas ruas, nas casas, nas montanhas, no meio dos doentes, das mulheres impuras... quebra com esse jeito único e normativo de dizer da ação de Deus.

Seria muito importante que a gente percebesse nesse Jesus, em sua atitude ao curar e perdoar pecados no meio da rua, nas casas onde se abrem telhados, nas casas onde se juntam para comer, nas montanhas onde se juntam para conversar e conviver, o confronto aberto à estrutura religiosa de seu tempo e tradição. Jesus perdoa pecados e cura. Duas possibilidades e expressões de fé que estavam nas mãos dos sacerdotes e que só podiam acontecer no templo. Deus estava trancado lá no santo dos santos e quando o sacerdote abria a possibilidade de Deus sair desse lugar para abençoar o povo, o povo precisava primeiro pagar um sacrifício para que o sacerdote fizesse a mediação da benção.

Jesus traz para o meio da rua, para o meio da casa, para o barquinho, o Deus com a sua cura, com a sua possibilidade de estar presente e abençoar a vida do povo. Daquele povo que era tido como impuro porque era doente, porque as mulheres tinham hemorragias que não cessavam, porque eram estrangeiros, porque eram os desfavorecidos ou filhos das prostitutas. Essa gente, que precisava pagar um sacrifício muito gordo - era boi gordo mesmo – para poder ter perdão dos pecados, benção de Deus, proximidade de Deus – Jesus tira de letra. Tira o sacrifício, o templo, tudo isso da jogada e traz para o meio da rua o Deus que estava trancado no santo dos santos.

Mas apesar do enfrentamento que Jesus faz de sua própria tradição, ele será profundamente instigado a um processo de abertura para além das revisões internas em sua tradição. Jesus é questionado em seu exclusivismo aos judeus pela mulher cananéia (Mt, 15.21-28). Ela diz que não precisa do pão, do banquete dos filhos... as migalhas que caem debaixo da mesa são suficientes. E Jesus reconhece a grande fé desta mulher. Uma mulher estrangeira que diz que quer se aproximar dele porque precisa da cura para a sua filha, recebe uma dura resposta dele. Jesus responde a ela de seu lugar no mundo, muito judeu, o ser humano dentro da sua tradição e experiência de fé, diz que veio para os filhos e não pode abrir mão desse lugar. Ele é profundamente questionado por essa mulher: "Não preciso do pão que está na mesa para os filhos, bastam as migalhas que caem debaixo da mesa". É uma mulher estrangeira, do lugar da sua fé, que chama Jesus a um processo de abertura, de diálogo para além da tradição de onde vinha: um diálogo inter-fé. A vida é acolhida e salva no movimento de abertura e diálogo!

E muitos serão os estrangeiros com quem Jesus estabelece o diálogo (aqui temos todo um questionamento à concepção exclusivista de eleição que se constrói depois do exílio). Encontramos no Novo Testamento (ou Segundo Testamento) Jesus conversando com a Samaritana, falando do Samaritano, misturando-se com os estrangeiros, tendo sua própria tradição de fé interrogada e interpelada por esse movimento.

Jesus de Nazaré tem olhos, mãos, ouvidos, corpo, paladar aberto e sensível para as pessoas que o acompanham. Ele se aproxima mais do Deus da companhia do Antigo Testamento do que da construção teológica que o representou como rei, messias, senhor, obscurecendo a religião do pão e do peixe, do Jesus do caminho. Tal construção teológica, que irá predominar na história da Igreja, data do período em que o cristianismo passou a ser religião oficial do estado romano. Precisamos voltar a encontrar o Jesus humano, o Jesus da história cotidiana em profundo diálogo com mulheres e homens, com doentes e sãos, com gente simples do povo e alguns líderes de algumas instituições, com crianças e velhos, com empobrecidos e ricos... esse Jesus das relações e que morre assassinado pelo enfrentamento que fez ao poder econômico-político-religioso que significava o grupo sacerdotal e o templo nesse momento da história.

Assim, podemos entender que Jesus mais se parece com a fragilidade e vulnerabilidade do corpo da criança de Is. 9 e do início dos evangelhos de Mateus e Lucas do que com o rei que se enfatizou depois. Com essa compreensão teológica podemos enfrentar uma lógica sacrificial que ainda persiste na leitura da morte de Jesus reforçando uma religião da resignação à morte e ao martírio em nossos dias. Reforçando a lógica da atual economia de mercado, que propõe o sacrifício necessário ao povo e leva-o à morte diariamente por falta de comida, moradia, saúde, educação, acesso ao lazer e ao prazer.

Parece-me importante para esse diálogo interreligioso e inter-fé que façamos o caminho dos Antigo e Novo Testamentos, da abertura que percebemos nesse rosto muito mais plural de Deus e de Jesus, para que nós, do lugar da tradição cristã, nos sintamos seguros para nos abrirmos ao diálogo e aprendermos das outras tradições.

A experiência do diálogo entre as tradições de fé distintas

Se conseguirmos, como cristãos e cristãs, perceber a pluralidade de Deus no Antigo Testamento, poderemos entrar em diálogo e comunhão com outras experiências de Deus que se organizam em outras tradições de fé. Se pudermos voltar às muitas histórias da Bíblia e perceber que elas, apesar de estarem escritas passaram muitos séculos sendo guardadas na memória. Contadas de pais e mães para filhos e filhas. Como em nossas festas de família, nas quais há histórias de tios, avós que são sempre lembradas e nos dão a sensação de raízes, de sustentação e unidade.

As tradições indígenas brasileiras, de latino-americanas e as afro-brasileiras e afro-latino-americanas são tradições de fé preservadas pela oralidade. Oralidade e gestualidade, ritos fundamentais para a vivência da experiência religiosa. Esse encontro de tradições nos traria uma riqueza muito grande. Um pequeno exemplo seria abrir-nos para ler nossas histórias de criação com algumas dessas histórias indígenas e afro-latinas: nossa interpretação e as consequências para a integridade da criação, a justiça e a paz seriam outras.

* Transcrição parcial de palestra na Jornada Ecumênica realizada em Mendes, RJ – de 11 a 14 de julho, 2002.